





# DISSERTAÇÃO

SOBRE

## A COMBINAÇÃO DAS IDEAS

INTELECTUAIS, E SENSIFERAS

*Para fazer progresso da noticia de hum só  
Deos , para o conhecimento de huma só  
Religião :*

Dividida em duas partes com hum

TRACTADO

*Em que se destroe o erro dos Naturalistas ,  
que dizem ser só a razão natural a voz por  
onde Deos falla aos homens , em forma que  
faltando ella não ha obrigação de crer o Do-  
gma , que se propõe como revelado.*

POR HUM ANONIMO



COIMBRA:

NÀ OFFICINA TYPOGR. DA UNIVERSIDADE

1791

*Com licença da Real Mesa da Commissão Geral  
sobre o Exame , e Censura dos Livros.*

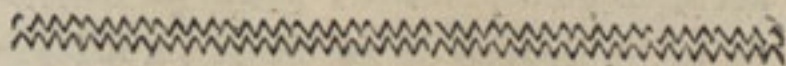
Foi taixado este Livro em trezentos e cincoenta reis em papel;  
Vende-se na Logea de Antonio Rodrigues Marmelcira,





# D I S S E R T A Ç A O S

*Sobre a combinação das ideas, principalmente intellectuaes, a fim de vir por hum modo natural, mas regulado, em o conhecimento do supremo ser, e seus attributos.*



## A D V E R T Ê N C I A.

**S** E ao entendimento, e percepção do homem subissem todos os conhecimentos de Deos com os Decretos da sua Dívina vontade, elle não só conheceria todos os possíveis, e os diversos modos de ser, mas todos os existentes: a tanto porem se não estende o conhecimento, e sciencia humana neste estado infeliz, cheio de trévas da  
*Part. I. A igno*



ignorancia penal. Conhece com tudo este racional miseravel algumas coufas, e ignora outras, e duvida em muitas.

Devemos considerar o dito homem já em qualidade de animal terrestre, pela qual lhe competem os sentidos externos; já como espirito dotado de razão, por cujo motivo he racional.

Eu bem sei que a uniaõ d'alma com o corpo, e muito mais a fraqueza, que accresce pelo peccado, poem ao homem na triste situação de necessitar, e não poder viver sem algumas modificações, impressões, e representações sensiferas; mas querer, que desta fonte lhe venhaõ fó, tomado ainda como racional, todas as ideas, que formaõ as sciencias, he paradoxo; e mais crasso erro foi dizer, que a sua felicidade tinha daqui dependencia. O homem como animal terrestre não pode viver sem sentidos externos, sem ser vegetavel; como racional pode ter ideas, e noções sem dependencia delles.

Co-

Conheça o homem que a sua felicidade verdadeira não está na sua razão, muito menos nos seus sentidos, mas em Deus, lume do entendimento, descanso da vontade, primeiro principio, e ultimo fim, para onde se devem dirigir, e encaminhar todas as acções humanas.

Tambem conheça que nesta vida miseravel, nem se pode ver a Deus intuitivamente, nem possuir-se em perfeita felicidade. Comtudo pode ser Deus conhecido em si mesmo de alguma sorte sem interposta substancia, como já vou, e intento persuadir, principiando pela razão universal.

## §. 1.

*Que cousa seja razão universal?*

A suprema, e universal razão consiste na regra incommutavel das cousas, e suas connexões. Não são as ditas regras, e a verdade immovel das taes connexões a substancia da alma, bem como a luz do

Sol não he a substancia dos olhos ; ellas superior , immovel , e geralmente só podem residir na arte do Supremo Ente , e Soberano Artifece , donde são luminosas , e se nos communicão , não só digão as verdades da Ethica , e Moral , mas da Methaphisica , e mais sciencias. Se eu formo este discurso : „ cogito , logo sou , e existo „ he ração particular minha , mas communicada da universal , e immovel que me diz , que nenhuma cousa pode cogitar sem existir , nem existir sem ser.

Semelhantes connexões , verdades , ou principios universais , e immoveis ninguém examina para contradizer , mas segundo elles se examina , e decide tudo. Em todos os homens são os mesmos estes principios ; ninguém os fez , e ajuntou ; mas todos os achamos expostos dentro de nós mesmos , excitados nas occasiões opportunas. E supposto no tom grammatical indiquem composição , ou a não tem , ou se a tem nascem estas noções compostas de verdades , e ideas  
fim-

simplices , que estão presuppõstas no nosso entendimento innatas sem a menor composiçãõ ; das quaes simplices o mesmo entendimento , pôde formar facillima , e connaturalmente essas , que chamamos principios primeiros , sendo nesse caso segundos.

## §. 2.

*Rasaõ particular.*

Chamo Rasaõ particular ao uso bom que faz o racional das sobreditas regras : sem rasaõ , ou rasaõ particular depravada considero no máo uso dellas ; o qual quasi sempre nasce de huma ignorancia culpavel , ou do imperio dispotico , e depravado da vontade. Naõ sei como se descobre aquella rasaõ universal ao entendimento ; nesta descoberta elle conhece , ou claramente penetra ser verdade o que a mesma rasaõ manifesta, e da'hi se colhe.

Todos os homens racionaes no uso da sua raciocinaçãõ tendo em si escritas muitas daquellas regras , para ellas se

con-

nesta parte escurecido , não quiz a dignação Divina se reduzisse a huma cegueira total ; e quando não tenha olhos de ver , ou tendo-os seja impedido , e embaraçado pela multidão desordenada de seus tumultuarios phantasmas , para não gozar de todo o esplendor da verdade em huma serenidade limpidissima , tem com tudo os olhos abertos , tem pelo menos toques intimos , e abraços do seu Creador , e da verdade para nelles , como por experiencia , poder attingir alguma cousa do Ser Supremo , dos Divinos attributos , das razões das cousas creaveis , as quaes sendo mortas , e tenebrosas fora de Deos , na arte do Omnipotente são vida , e luz como bem notou S. Agostinho sobre aquelle texto do Evangelho de S. João : *Sine ipso factum est nihil, quod factum est: in ipso vita erat* sem que a Vulgata correcta possa prejudicar esta lição como attesta Lucas Burgense: *Consulto illud quod factum est ita est interpunctum , ut & præcedentibus jungi possit , & subsequen-*

o mesmo S. Agostinho em outro lugar chama ao Verbo: *Ars quædam omnipotentis, ac sapientis Dei plena omnium rationum incommutabilium, & omnes in ea unum sunt. De Trin. lib. 6. e 10.*

Naõ quero dizer que estes conhecimentos de Deos transcendaõ a esphera cõnatural das cousas naturaes, mas assim como na ordem sobrenatural os Extaticos e outros contemplativos, por hum acto, a que chamaõ mistica Theologia, e contemplaçãõ passiva, se formaõ em Deos sem o ver intuitivamente, por meio, e virtude dos toques, e amplexos sobrenaturaes (que assim lhe chamaõ estes Theologos) da mesma forte por seu modo as almas racionaes unidas segundo a ordem natural ao seu Creador, sem o verem, pela intima experiencia, pelos toques, e amplexos naturaes vem no conhecimento, e alcanse das rações ideaes das cousas naturaes immediatamente, apesar dos phantasmas, que no presente estado acompanhaõ sempre os conhecimentos-

mentos da alma unida , e agravada pelo corpo.

He maior do que se imagina o comércio , que temos com a verdade: Deos não só he o lume dos nossos conhecimentos , mas tambem o termo delles ; não de todos , dos mais sublimes , e admiraveis. Deos he o alvo a que atira o pensamento casto , he objecto primario , que se presenta para contemplar a sabedoria humana. Não estão por certo , ó Philosopho contemplativo da verdade , nos artefactos creados o que ves com os olhos , e sentidos do corpo as ideas intelligiveis da verdade , que dentro em ti contemplas , e admiras. Essas ideas residem na arte do Artifice Soberano , e nós estamos mais nellas , do que ellas em nós ; as creaturas são excitativo , que nos fazem algumas vezes recorda-las. Quem alcança a verdade incommutavel , vendo as creaturas , he porque passa de hum conhecimento , e objecto para outro objecto , e outro conhecimento excita-

cita-

citado do conhecimento das creaturas visiveis, e palpaveis, que estão fora, passa para o conhecimento dos predicados invisiveis, que contêm as mesmas creaturas na sua virtude, apprehendendo-as donde ellas são luminosas; alli vê de Deos em Deos o que os olhos, e sentidos corporaes não pôdem: *Invisibilia Dei per ea, quæ facta sunt, intellectu conspiciuntur.*

## §. 19.

*A alma de si, e de seus sentidos não pôde formar as primeiras ideas objectivas, e imagens de muitas cousas, que claramente conhece v.g. o infinito.*

Pondo de parte as ideas da Arte do Supremo Artifece, não ficão na alma, deixe-me fallar assim, cores simples materias, com que haja de figurar as imagens de muitas cousas que conhece: o infinito, o Ente Supremo, &c. . . Em consequencia ao espirito finito não pôde occorrer a idea do infinito, sem que o mesmo infinito lha manifeste, ou lha for-



forme. A alma, ou outra qualquer creatura não contém em si os predicados, que se descobrem em semelhantes objectos, a reflexão bem apurada não pôde extrahir de si, ou do objecto, mais do que nelle estava antes de meditar: o entendimento não pôde fazer imagem do que nunca vio, da mesma forte que os Magos eraõ ineptos para interpretar a Pharaó o sonh, sem este lhe ser propallado. He logo preciso confessar, que a alma, antes de lhe mostrarem o objecto de semelhantes ideas, nam pôde conhece-lo, nem formar delle idea.

Faz-se mais patente esta verdade a respeito dos conhecimentos evidentes, e das ideas claras, e intelligiveis. Quem não sabe que o homem racional tem a sua esphera de actividade limitada não só a respeito das operações materiaes, e sensiferas, mas das mesmas modificações mentaes, que não pôde, que he inepto para exerce-las por si só, sem soccorro de outrem, que seja de ordem superior?

Sen-

Sendo isto verdade , como poderá a alma finita , mendaz , e inconstante apprehender as regras incómutaveis da verdade com tenacidade tanta , sem hesitação , com evidencia clara , sem que venha em seu soccorro , e seja fortalecida por luz mais poderosa , e efficaz , que se objecte para a elevar ao alto superior a ella ; que lhe tire a sua innata hesitação , e mobilidade effencial , que lhe ponha diante dos olhos hum objecto tão claro , e luminoso , que a faça não hesitar nada a respeito da verdade do mesmo objecto que apprehende. As sobreditas regras da verdade incommutavel longe de serem formadas pelos meos pensamentos , elles são corregidos , e formados por ellas , ainda que eu não queira sujeitar-me á sua decisão : não he logo por mim deliniada , e pelos meos cabedaes , huma tal idea muito superior a toda a minha imaginação , e pensamento ; porém sobre esta verdade ainda tratarei mais largamente. Este grande lume em idea , ou em

em exemplar está sem duvida na arte do Supremo Artifece , e ahi se descobre mentalmente , ahi se toca , e apprehende: donde se segue, que a verdade imcommutavel , e o mesmo infinito existem na realidade. ( a )

§. 20.

---

( a ) *Si ce que je apperçois est l' infini present a mon esprit , ce etre infiniment parfait est donc. Si au contrairt ce ne est que une representation de l' infini , que l' imprimt en moi , cette ressemblance de l' infini doit etre infini ; car le fini ne ressemble environ l' infini , et n' en peut etre le vraye representation. Il faut donc que ce quis represente veritablement l' infini ait quelque chose de infini pour lui ressembler , et pour le représenter. Cette image de la Divinite meme sera donc un second Dieu , semblable au premier en perfection infinie : comment serat-il reçu , et contenu dans mon esprit borné ? Fenelon Demonst , d' le exist. de Dieu cap. 10. pag. 386. Il faut donc conclure invinciblement, que c' est l' Être infiniment parfait qui se rend present a mon Esprit , quand je le conçois. Idem pag. 387.*



## §. 20

*Implicancia , que aparece na idea , ou imagem propria , e particular de Deos distincta delle , e por elle creada.*

Se a idea objectiva intrinsecamente representativa de que se falla , e só entra em questaõ , fosse creada por Deos , ou fosse elle o seu autor , seria ajustada , propria , e não alheia do objecto representado ; devia logo iguala-lo , ou contello : donde a especie que se finge igualaria a Deos , e seus attributos , e por consequencia ou não era creada , ou continha ao Creador a creatura pela ração da continencia, e estar no mesmo gráo de imãterialidade para usar deste termo Thomistico , por cuja ração negaõ todos estes Escolasticos a possibilidade de huma especie propria , e intuitiva de Deos , e seus attributos ; e outros grandes Theologos pela mesma ração , e fundamento negaõ a possibilidade de qualquer especie ainda abstractiva propria de Deos : e na

ver-

verdade em huma , e outra queſtaõ militaõ os meſmos fundamentos. Tudo o que naõ he infinito, ainda que pareça muito grande , eſtá delle infinitamente diſtante , e apartado para lhe ſer ſemelhante ; ſendo infinitamente deſemelhante , nada tem de ſemelhante.

Agora me lembra que huma das razões porque os PP. vindicaraõ a Divindade , e Conſubſtancialidade do Filho de Deos , era ſer igual ao Pai , havendo pela boa philoſophia de ſer igual na ſuppoſiçaõ de ſer delle naõ artificial , mas natural imagem : e ſe nas couſas creadas ſe naõ acha ſemelhança do Nacimiento do Verbo Eterno , tambem ſe naõ pôde achar da ſua ſubſtancia Immutabilidade, Divindade, e Mageſtade : diz S. Agostinho de verbis Dom. 38. *Non invenitur aliqua ſimilitudo nativitatís ejus , quomodo non invenitur & ſubſtantiæ ejus , & immutabilitatis , & majestatis ejus* : vem aqui nascentes as palavras de hum dos Prophetas maiores : *Cui ergo ſimilem feciſtis Deum*

um

*um : Nec Deus exprimi potest ut est in se :*  
 Glossou Duhamel. Daqui ninguem pô-  
 de arguir contra o uso das imagens de  
 Deos , porque se nenhuma ad *vivum* o  
 representa , excita a sua memoria , diz  
 Sanches sobre o lugar citado de Isaias  
 40. 18. *Neque hinc inferri potest illicitum ;*  
*& otiosum esse imaginum usum ; nam licet*  
*imago nulla ad vivum Deum representet ;*  
*excitare tamen potest Dei vivi , & veri*  
*memoriam in hominum animis.*

Nem se diga que a continencia , que  
 argue igual , ou maior perfeição a res-  
 peito do contido , só he naquella cousa ,  
 que tem a virtude de obrar fora do en-  
 tendimento , não na mental , e intencio-  
 nal , que fica dentro do espirito ; porque  
 o ser mental pôde conter , e causar o  
 material , e não è *contra* ; o ser mental  
 he de linha mais nobre que o não men-  
 tal : a operação mental he a primeira , e  
 mais illustre. A produção eterna he men-  
 tal , e não material. O edificio na men-  
 te do architecto tambem influe na obra  
*Part. I. E real*

denota exacção de semelhança seja entre individuos da mesma especie, ou entre especies do mesmo genero, seja ella essencial, ou accidental, ou propria, isto he, de predicados que digaõ respeito á essencia, propriedades, ou accidentes da tal cousa.

Tenho feito reflexaõ que todos os attributos, que se chamaõ perfeições simplesmente simpleses saõ predicaveis do ser Divino, e que todos os homens dizem sem hesitar com claro conhecimento, que Deos he Ente, que he Espirito, Infinito . . . &c. e que os mesmos homens sendo taõ tardos, e inertes na averiguação de outras verdades physicas, e mathematicas, tem naõ obstante tal promptidaõ, e facilidade para discernir se hum predicado he, ou naõ melhor que o seu contrario, que perguntados respondem logo com segurança, sim, ou naõ, conforme he verdade pela qual rasoã me persuado que semelhantes noções saõ outras tantas ideas innatas, que

os

os homens achão dentro em si mesmos sem as ter figurado , estas noções sem duvida illustrão muito o nosso entendimento para formar , ajudado dellas , com acerto os juizos uniuersaes , e o conhecimento de muitas cousas particulares.

Observou o P. Mallebranc , que todos os homens tem sempre presente no entendimento a noção de ente , não deste , ou aquelle ; mas do ente sem limitação , ou determinação alguma. Se cada hum de nós fizer reflexão em si mesmo achará ser isto verdade , a qual supposta entremos em huma mais attenta averiguação do que indique , e haja de significar esta noção. Differão não poucos , que he huma abstração da natureza de todos os entes , a que chamaõ *entis in genere* , ou ente communissimo , persuadidos que a dita ração foi pelo entendimento abstrahida , ou extrahida de todos os entes Divino , e creados sem reserva. Deverão porém advertir que Deos , e seus attributos proprios não só se não podem

dem



dem univocar com as creaturas infinitamente distantes do Ente Supremo, mas tambem que segundo os principios da sua philosophia, as naturezas universaes abstrahidas haõ de excluir as differenças, naõ transcende-las na sua rafaõ universal, aliás naõ há abstração de differenças como he preciso para se constituirem taes, attendendo aos principios da sua philosophia. Ora as differenças do ente tambem saõ ente, e por consequencia o ente communissimo naõ deve gozar o privilegio de natureza universal. Viraõ os fobreditos Philosophos a força deste argumento, e sem se desembaraçarem bem d'elle, deraõ á rafaõ de *entis in genere* o primeiro lugar entre os predicamentos; eu me persuado que melhor se philosopharia dizendo que esta noçaõ de ente naõ he só abstração nossa, mas idea innata, a qual sem a fabricar achamos brilhante para nos conduzir ao conhecimento de Deos, e depois ao que quizermos. Faça todo o homem reflexaõ, e verá que elle

mui-

muitas vezes cogita no que quer , esco-  
lhendo a materia de que quer pensar , e  
depois mudando o conhecimento para  
onde quer. E qual será a rafaõ , sendo  
certo, nada he querido sem fer conhecido:  
*Ignoti nulla cupido* ? A rafaõ he , porque  
tendo nós sempre brilhante o ente sem  
limitaçãõ , nelle primeiro confusamente  
se toca mentalmente o que cada hum dos  
volentes quer pensar.

§. 30.

*Epilogo*

Concluo , que para bem exercer as  
funções do seu discurso , e conhecimen-  
to , todo o homem racional tem prompta  
a idea de Deos debaixo da noção de En-  
te sem limitaçãõ ; tem promptas as no-  
ções de muitos attributos , ou predica-  
dos a Deos applicaveis Infinito , Perfeito,  
Immenso. &c . . . . os quaes se mostraõ  
ao nosso entendimento com evidencia:  
em huma palavra , além das ideas da  
mo.

moralidade, dimensão, e número, tem as noções de muitas perfeições que se dizem *simpliciter simplices*. Estas noções intelligiveis, e innatas ajudaó a alma para bem conhecer individualmente as essências das cousas inferiores, que se tocaó com os sentidos, das quaes não temos ideas intelligiveis, mas apprehensões sensíferas, ou meras conjecturas. A luz das primeiras ideas excitada pelas apprehensões sensíferas illustra a alma para regular bem os mais conhecimentos com todos os descubrimentos, que ella faz na invenção da verdade.

Isto supposto, e reconhecido sabe o homem quando, e como ha de assentir, e duvidar, sabe livrar-se melhor do erro, do engano, do prejuizo taó familiar aos sentidos, e ás suas impressões: tambem fica certo que vive por Deos, e em Deos para mais o amar, e chegar-se a elle a fim de ser illustrado: *Accedite ad eum, & illuminamini*: sabe o quanto depende, tem recebido, e está recebendo

do

do Supremo Ente , para dar-lhe incessantemente as graças , e render-lhe submissas adorações.

FIM DA PARTE PRIMEIRA.



DISSERTAÇÃO

DISSERTAÇÃO

*Sobre a combinação de algumas ideas  
infusas, ou innatas, e outras acqui-  
sitas, para fazer progresso pela mes-  
ma razão natural da noticia de  
hum só Deus, para conhecimento  
de huma unica Religião.*

PARTE SEGUNDA.

PARTE SEGUNDA

# DISSERTAÇÃO

de alguns pontos da doutrina de  
Santo Agostinho, em relação à  
teologia natural, e a sua aplicação  
à teologia moral, para a compreensão  
de alguns pontos da doutrina de  
Santo Agostinho.

PARTE SEGUNDA



# DISSERTAÇÃO

*Sobre a combinação de algumas ideas infusas , ou innatas , e outras adquiridas , para fazer progresso pela mesma razão natural da noticia de hum só Deos para o conhecimento de huma unica Religião.*

PARTE SEGUNDA.

---

ADVERTENCIA.

**P**ARA se fazer mais perceptivel a noção , que o homem conserva de Deos neste estado de natureza corrupta , e saber até onde pode chegar o conhecimento , que d'elle temos naturalmente , he preciso não prescindir da infelicidade , e corrupção da mesma natureza. Ainda que o Dogma do  
pec-

peccado original seja taõ abstruso , os effeitos da corrupção originaria sãõ muito palpaveis , e manifestos. Todãs as cousas tendem para o seu fim , só o homem , a creatura mais nobre , se desvia voluntariamente d'elle. Nada satisfaz no mundo a este miseravel homem , elle mesmo conhece , que de tudo toma enfado , e muitas vezes sem causa exterior para isso ; elle naõ achando nunca dentro de si o repouzo , a que continuamente anhela , foge para fora de si , e o procura nos divertimentos , e occupaões exteriores , mas em todas ellas se lhe mistura hum certo tédio , e desafocgo continuo. Donde vem , e nasce esta dezordem ? Vem do continuo resentimento da sua miseria , vem da faudade , para dize-lo assim , de huma certa quietação natural , e felicidade , que perdeo.

O homem pelo seu conhecimento se considera emnobrecido de hum ser espiri-  
tual , de huma grande natureza ; mas ao  
mesmo tempo pelas faltas , e defeitos de  
mes-



zeja. Onde está o sabio , diz Ozeas , e elle entenderá o que eu digo ; porque os caminhos de Deos são direitos , os justos por elles andaraõ , e tropeçaraõ nelles os máos.

Quem não sente no coração , nem descobre no entendimento o primeiro principio , que antes de se escrever o Evangelho já fallava desde a creação do mundo , quem não conhece o ser Divino , bem pôde reputar-se por homem stúpido , e sem discernimento , só a semelhante casta de gente poderá fazer-se imperceptivel a noção da felicidade , a noticia do Creador do universo , cuja sabedoria , e providencia se faz admirar no bichinho mais pequeno , e mais desprezivel. Todo o Ceo , e toda a terra narraõ a gloria de Deos.

Eu pasmo quando contemplo a corrupção , miseria , e cegueira humana , a qual fomenta não só o Atheismo que nega a Divindade , mas tambem induz o Polytheismo , que pretende reparti-la

por

por muitos falsos Deoses ; sendo só hum  
o verdadeiro evidentemente demonstrado.

## ARTIGO VI.

*A Idea que temos do Ser , ou Ente Supre-  
mo dá a conhecer claramente, que he  
só hum o verdadeiro Deos.*

**G**RANDE por certo he a corrupção  
humana fomentada pela concupif-  
cencia , que domina nos impios : elles  
tem confagrado por Deoses as cousas  
mais abominaveis , e indignas : tem for-  
mado , e abraçado religiões taõ fabulo-  
sas , e paradoxas , que o mais rude en-  
tendimento descobre nellas claramente á  
primeira vista a falsidade , e ridicularia.  
O' lastimosa cegueira humana ! Poem  
voluntaria , e alegremente os homens por  
todos os modos obstaculos , para naõ vir  
a conhecer hum só Deos verdadeiro , e a  
verdadeira religião.

*A razão natural destrõe totalmente  
o Polytheismo.*

Admittir dous Deoses he não admittir nenhum ; porque não póde haver dous supremos. O Ser Supremo he per si mesmo só , e sem igual. Dous , ou tres Seres Supremos , na supposiçãõ de terem tambem per si mesmo a existencia illimitada, seriaõ, não obstante, cousa menos perfeita , que aquelle que he singular , unico , e sem igual : os dous hum se limitava pelo outro , o unico por ninguem ; a sua intelligencia he igual á sua intelligibilidade essencial , no outro caso não. Mas nós não podemos admittir semelhantes supposições , e possibilidades tendo como temos clara , e distincta idea de hum só Ser Supremo , á qual se não póde ajuntar imperfeiçãõ , nem tirar perfeiçãõ alguma , sem anihila-la , e destrui-la , ella he impartivel , he inapplicavel a muitos individuos da mesma especie : por consequencia neste particular nos vemos o-

bri-

brigados a reduzir tudo a unidade.

Eu não tenho , nem posso ter idea clara de dous seres infinitamente perfeitos , antes pelo contrario tenho conhecimento evidente de que os não ha , nem pôde haver ; porque cada hum delles admittida a supposição , seria menos apreciavel , e perfeito que hum só , e nenhum seria ilimitado , e perfeito. Tendo eu pois idea clara de hum ser ilimitado e infinito , hei de concluir haver-se verificar só em hum unico na perfeição , na superioridade , na inequalidade ; hei de excluir necessariamente a possibilidade de muitos Seres Supremos , optimos , maximos , e admittir hum unico , e verdadeiro Deos. Por outros termos mais claros.

Se fossem muitos Deoses nenhum seria supremo , ao menos não seria optimo , e perfeitissimo ente , como Deos deve ser. Sendo muitos Deoses haveria nelles igualdade , ou desigualdade , e em qualquer das supposições faltaria a hum a perfeição do outro , e por consequencia

ne-

nenhum continha toda a perfeição nenhum seria optimo , ainda no caso de ser algum delles melhor. Admittida a maioridade ficaria exclufa a Divindade dos menores , e inferiores tomados cada hum de por si ; porque de outro modo a perfeição de dous menores semi-deoses poderia equilibrar-se com a perfeição do maior ; mas então a perfeição deste ficará commensurada por duas perfeições limitadas , e imperfeitas , refundindo-se tambem nelle por esta causa a finidade , limitação , e menos potencia.

Sendo diversos eraõ encontrados , ou coarctados os poderes (a) , e quem poderia reduzir á ordem tantos potentados ?  
Ahi

---

(a) *Qu chacun de ces deux infinis pourroit produire des etres a l'infini , ou il ne le pourroit pas. S' il ne le pouvoit pas , il ne seroit pas infini contre la supposition. Si au contraire il le pouvoit independemment l'un de l'autre , le premier qui commenceroit a produire des etres , detruiroit son egal ; car cet egal ne pourroit pas produire ce que le premier auroit produit : donc sa puissance seroit borné par cette restriction. Donc il est clair que le premier des deux qui agiroit librement sans l'autre , detruiroit l'infini de son egal. Fenelon pag. 456.*

Ahi era natural , e necessaria a discordia com sua filha a inquietação ; era inevitavel a miseria exclusiva a felicidade , e a Divindade.

O Ser Divino ha de ser incomparavel , e independente , hum só por essencia sem limitação alguma , mas ao mesmo tempo sem composição de muitos. He per si mesmo simplicissimo , e tudo o que póde ser com eminencia singular. Nem póde deixar de ser summamente hum , sendo por si mesmo existente. Os mais seres , ainda que se multipliquem , não tem , nem podem ter igualdade , nem comparação com elle , e fallou bem de Deos quem fallando com elle disse : *Omnes gentes quasi non sint , sic sunt coram te* : os mais estão no arbitrio do primeiro para principiar , e continuar no que são ; e como são continuamente conservados , foram , e serão sem fixo ser ; sempre dependentes do permanente : communicão sim , e são neste contidos mas com eminencia ; porque só elle de-

ve ter , e tem actualmente tudo por hum unico , e singular modo , mas perfeitissimo , exclufa a multiplicidade das perfeições formaes da creatura , que as tem sempre limitadas , nem as pôde ter de outro modo communicadas , e emprestadas por aquelle Deos , que he por essencia , e sem limite optimo , independente , permanente , e perfeitissimo ser , Creador de tudo , que contém tudo , hum summamente.

Sendo esta verdade taõ patente , grafou com effeito no mundo taõ monstruosamente o Polytheismo por hum modo taõ barbaro ainda na Grecia , e Roma civilizadas , por hum modo ridiculo , taõ fatuo , e abominavel , como se vê da Historia das gentes , e da Theologia dos idolatras recantada com vivas cores de Eloquencia pelos poetas Gentios , cheia de fabulas , mentiras , e embustes taes , que sendo produzidas contra Juliano Apostata , elle se vio obrigado a dizer que os seus Poetas mentiraõ : mas se mentem

os Theologos do Polytheismo, que credito merece a sua religião? A verdade he que sendo os ditos poetas homens civilizados não se atreveraõ a dizer quasi nada do muito, que he impia, e depravada a Polythea taõ abominavel, e falsa no dogma, como execravel no rito, e na liturgia. Todos os vicios, e viciosos eraõ colocados sobre as Aras: as virtudes, e seus sequazes abatidas, e profanadas.

O que tudo nos mostra bem claramente a corrupção originaria da nossa natureza, e a idea da felicidade perdida, que ficou, ainda que obliterada, na mente humana. A corrupção influe para o conhecimento de Deos inverso, ou para o total esquecimento. A felicidade perdida não deixa de todo apagar a memoria da Divindade; mas vencendõ a corrupção pela desordenada concupiscencia faz que o homem desvie o appetite innato da felicidade fora da linha recta, e direita que leya de sua natureza. He o homem

mem



mem natureza fim corrupta , mas reparavel , por essa causa não só a idea do Divino Ser , e da *felicidade* permanece nelle ; mas para que de todo se não possa esquecer falla Deos de fora aos sentidos aquillo mesmo , que já tinha escrito dentro do coração , para que possa mais facilmente reter , e conservar dentro , o que já se lhe vai a dizer fora.

## A R T I G O VII.

*A Historia da criação do mundo , e propagação do genero humano , com a serie de acontecimentos que narraõ os Livros Santos , confirma a idea , que temos de Deos , e a verdadeira corrupção originaria reparavel.*

**A**DAM communica a seus filhos a noção da Divindade ; elles com este novo soccorro retem mais , e melhor a memoria de Deos , o conhecimento da sua miseria originaria , a lembrança do Libertador , e Messias promettido , por  
cujo

cujo meio , e mediação se havia de applicar o remedio á corrupção da natureza , e meter outra vez o homem na posse da felicidade. Tal he porem a propensão da concupiscencia , que vai fazendo esquecer pouco a pouco a Tradição dos maiores , as vozes da natureza , e os sentimentos do coração. Poucos annos antes do Diluvio universal estava já o mundo bem esquecido , e todo corrupto , abolida a memoria de Deos , e do Libertador futuro , e promettido. Foi preciso castigar , e exterminar do dito mundo todo o genero humano com diluvio de agoa.

Deste naufragio só a familia de Noé foi conservada na arca , e tornando a prevalecer o culto , e memoria do verdadeiro Deos , em quanto viveo Noé , e os filhos que o imitaraõ , finalmente foi declinando pouco a pouco , até que se aboliu pela maior parte o verdadeiro rito , prevalecendo o falso de muitos Deoses , introduzido até na casa de Thare , Pai de Abraham.

Este

- Artigo VI. A idea que temos do Ser ,  
ou Ente Supremo dá claramente a  
conhecer , que he só hüm o verdadei-  
ro Deos.* 179
- Artigo VII. A Historia da Creação do  
mundo , e propagação do genero hu-  
mano com a serie de acontecimentos  
que narra , confirma a idea , que te-  
mos de Deos , e a verdade da cor-  
rupção originaria reparavel.* 186
- Artigo VIII. Nem Mafoma he este  
Messias , nem a sua Religião a ver-  
dadeira. Só a boa razão basta para  
mostrar patentemente esta verdade.* 198
- Artigo VIII. He Paradoxo , e mani-  
festa falsidade , que os cultores do  
Mauzoleo , e falsos Deoses possaõ ser  
acceptaveis ao verdadeiro Deos.* 203
- Artigo X. He evidente , que o Messias  
esperado pelos antigos Judeos , seja  
JESUS CHRISTO.* 208
- Artigo XI. Os Judeos figuravaõ mal a  
idea do seu Messias ; por isso negaõ ,  
e rejeitaõ a CHRISTO : mas esta ne-  
gaõ*

- gação he a ultima prova da verdade , que impugnaõ. 214
- Artigo XII. Religião verdadeira he só huma , a razão natural mostra esta verdade. 226*
- Artigo XIII. A Revelação descobrio ao Philospho campo , e materia para discorrer mais , e melhor no descobrimento da verdade. 247*
- Traclado , ou Complemento da Dissertação sobre as ideas . . &c. , em que se destroe o erro dos Naturalistas , que dizem ser a razão natural a voz por onde só Deos falla aos homens ; que esta he toda a revelação divina , em forma , que faltando a razão natural , não ha obrigação de crer o Dogma , que se propõe como revelado: 253*



## Advertencia.

Pag. 9 <i>lin.</i> 18 conhecidas , concebidas	<i>Leia-se</i> conhecidas , e conce- bidas
Pag. 20 <i>na not.</i> sen-siferas , que saõ	senfiferas saõ
Pag. 23. <i>lin.</i> 1. verdades saõ coufa	se saõ coufa
Pag. 25 <i>lin.</i> 7 estribada n'ellas	n'elles
Pag. 26 <i>lin.</i> 13 <i>ut retribu-</i> <i>tur</i>	<i>et retribuetur</i>
Pag. 38 <i>lin.</i> 8 <i>na not.</i> e de ra- zaõ	e dá a razaõ
Pag. 48 <i>lin.</i> 16 substanciaes , alheias	substancias alheias
Pag. 80 <i>lin.</i> 12 <i>eundem</i>	<i>eandem</i>
Pag. 138 <i>lin.</i> 18 <i>infinitum</i>	<i>in infinitum</i>
Pag. 190 <i>lin.</i> 23 suspeito- zos	suspeitozas
Pag. 272 <i>lin.</i> 1 necessidade	nescidade
Pag. 287 <i>lin.</i> 4 necessidade.	nescidade
Pag. 287 <i>lin.</i> 6 persuadir-se- lhes	persuadir-se naõ lhes ser













